

A IGREJA QUE ESCUTA

**Diretrizes para
encontros entre vítimas
e sobreviventes
e representantes da Igreja**

GRUPO **VITA**



CONFERÊNCIA
EPISCOPAL
PORTUGUESA



**Sobre.
VIVER**

FINALIDADE

Este guia inscreve-se no âmbito da justiça restaurativa e das práticas informadas pelo trauma. Visa garantir que os Encontros entre vítimas e sobreviventes e representantes da Igreja decorram com empatia, segurança e responsabilidade, promovendo a escuta ativa, o reconhecimento do dano, os pedidos privados de desculpa e a reparação simbólica. Deve assegurar-se o consentimento informado de ambas as partes, a confidencialidade e a não revitimização.

1. Consentimento informado

- O Encontro pode ser solicitado pelas vítimas e sobreviventes, ou pelos representantes da Igreja.
- As vítimas e sobreviventes têm o direito de recusar, interromper ou adiar o Encontro a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de consequência negativa.
- O consentimento deve ser dado de forma livre e consciente. Ambas as partes devem compreender claramente os objetivos do Encontro e os princípios de confidencialidade envolvidos.

2. Preparação prévia do Encontro

- As vítimas e sobreviventes devem receber informações claras — verbalmente e por escrito — sobre quem participará no Encontro, quais os seus objetivos, a duração prevista e o formato.
- Sempre que necessário, podem beneficiar de apoio emocional ou acompanhamento psicológico, antes e depois do Encontro, com o suporte do Grupo VITA ou de outros profissionais qualificados.
- Esta preparação visa garantir que o Encontro decorra com segurança, respeito e cuidado, promovendo um ambiente de confiança e escuta.

3. Durante o Encontro

- Escolha cuidadosa do local - o espaço do Encontro deve garantir privacidade, conforto e neutralidade simbólica, evitando ambientes que possam causar desconforto ou reativar memórias traumáticas.
- Recomenda-se que esteja presente um profissional facilitador, da confiança da vítima ou sobrevivente, que promova segurança emocional e equilíbrio relacional ao longo do Encontro.
- A vítima ou sobrevivente poderá ainda fazer-se acompanhar de uma pessoa da sua confiança.
- É fundamental respeitar o ritmo da pessoa e permitir que esta possa conduzir o diálogo durante o Encontro, caso o deseje.
- Devem respeitar-se os momentos de silêncio, sem interrupções nem pressões para responder.
- O Encontro deve permitir momentos de pausa, conforme as necessidades emocionais da vítima ou sobrevivente.

4. Postura dos representantes da Igreja

- Escutar com atenção e sem julgamentos, reconhecendo com respeito o sofrimento e os danos vividos pela vítima ou sobrevivente.
- Expressar a assunção de responsabilidade e formular um pedido de perdão institucional, de forma sincera e genuína, sem expectativa ou exigência de que esse perdão seja concedido.
- Evitar atitudes defensivas, justificações ou qualquer forma de minimização da experiência relatada.

Exemplos de intervenções adequadas

Acolhimento e início do Encontro

Frases que transmitem presença, respeito e abertura:

- “Estamos aqui para escutar, com todo o respeito e sem julgamentos.”
- “Agradeço por estar aqui hoje. Sei que não é fácil.”
- “Este espaço é seu, e o seu tempo será respeitado.”
- “Pode falar ao seu ritmo. Não há pressa nem obrigação.”

Validação e reconhecimento do sofrimento

Frases que reconhecem a dor e legitimam a experiência:

- “Lamento profundamente o que viveu. Ninguém deveria passar por isso.”
- “Nada justifica o que aconteceu. Foi errado, e assumimos a nossa responsabilidade.”
- “Compreendo que a dor e a desconfiança possam permanecer.”
- “A sua dor é legítima, e merece ser reconhecida com respeito.”

Compromisso institucional e escuta transformadora

Frases que expressam responsabilidade e intenção de mudança:

- “O nosso compromisso é escutar e agir de forma diferente.”
- “O seu testemunho ajuda-nos a mudar práticas e a proteger outras pessoas.”
- “Estamos comprometidos em criar espaços mais seguros e justos.”
- “A sua voz é essencial para que possamos aprender e fazer melhor.”

Encerramento e continuidade do cuidado

- “Se precisar de tempo, silêncio ou uma pausa, estamos aqui para respeitar isso.”
- “Não há palavras que reparem o que viveu, mas há gestos que podem começar a reconstruir.”
- “A sua experiência não será ignorada. Ela tem valor e merece atenção.”
- “Estaremos disponíveis, se e quando quiser voltar a conversar.”

Exemplos de intervenções inadequadas

- “Tem a certeza de que isso aconteceu mesmo?” - Coloca em dúvida o relato e destrói a confiança.
- “Mas por que não falou antes?” - Sugere culpa ou responsabilidade pela demora em denunciar.
- “Não parece ter sido algo assim tão grave.” - Minimiza o sofrimento e desvaloriza a experiência.
- “Deve ter sido um mal-entendido.” - Relativiza o abuso e protege a pessoa agressora.
- “Precisa perdoar para seguir em frente.” - Impõe uma resposta emocional que deve ser livre e pessoal.
- “Isso acontece com muita gente, não é só consigo.” - Diminui a singularidade da dor e pode gerar isolamento.
- “Vamos resolver isso rapidamente.” - Ignora a complexidade emocional e o tempo necessário para a escuta.
- “Não fale disso agora, que me sinto desconfortável.” - Silencia e reforça o tabu em torno da violência sexual.

5. Registo e confidencialidade

- O Encontro pode ser documentado através de uma breve ata, cuja finalidade deve ser previamente explicada, desde que com o consentimento livre e informado da vítima ou sobrevivente.
- A ata deve ser sucinta e evitar detalhes desnecessários e linguagem que revitimize.

6. Seguimento Pós-Encontro

- Deve ser oferecido apoio emocional e institucional após o Encontro (ex.: definir um contacto de referência, informar sobre os próximos passos).
- Avaliar o impacto do Encontro e recolher sugestões por parte das vítimas ou sobreviventes para melhorias do processo.
- Caso a vítima ou sobrevivente manifeste o desejo de novo diálogo, deve ser agendado novo encontro de forma organizada.



Grupo VITA

www.grupovita.pt

91 509 0000